



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS**

MARILEIDE BEZERRA DA SILVA

**REFLEXÕES SOBRE A LEITURA LITERÁRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II:
ANÁLISE DE VIVÊNCIA COM O GÊNERO FÁBULA**

**CAMPINA GRANDE-PB
2016**

MARILEIDE BEZERRA DA SILVA

**REFLEXÕES SOBRE A LEITURA LITERÁRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II:
ANÁLISE DE VIVÊNCIA COM O GÊNERO FÁBULA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Letras e Artes - habilitação em Língua Portuguesa, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Letras.

Área de concentração: Literatura

Orientador: Prof. Dra. Ana Lúcia M. de Souza Neves

**CAMPINA GRANDE-PB
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586r Silva, Marileide Bezerra da
Reflexões sobre a leitura literária no ensino fundamental II
[manuscrito] : análise de vivência com o gênero fábula / Marileide
Bezerra da Silva. - 2016.
50 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2016.

"Orientação: Profa. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza,
Departamento de Letras e Artes".

1.Leitura. 2.Texto literário. 3.Fábula. 4.Letramento literário.
I. Título.

21. ed. CDD 372.4

MARILEIDE BEZERRA DA SILVA

**REFLEXÕES SOBRE A LEITURA LITERÁRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II:
ANÁLISE DE VIVÊNCIA COM O GÊNERO FÁBULA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Letras e Artes- habilitação em Língua Portuguesa- da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Letras.

Aprovada em: 21/10/2016.

BANCA EXAMINADORA

Ana Lúcia Maria de Souza Neves

Prof. Dra. Ana Lúcia M. de Souza (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Cléa Gurjão Barreiro

Prof.ª. Me. Cléa Gurjão
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Jacklaire de Almeida Silva

Prof.ª. Dra. Jacklaire de Almeida Silva
Rede Estadual de Ensino da Paraíba/ PIBID (UEPB)

A Deus, que nunca cansou de me ouvir, principalmente nos momentos mais difíceis de minha vida, e sei que nunca me deixará só, ainda que eu seja tão falha para com ele, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Ao grande amor da minha vida, meu filho Miguel Silva do Nascimento, pessoa que, além de Deus, dedico esta formação e agradeço de coração por não ser motivo de interromper a realização deste sonho e me apoiar com suas palavras inocentes;

Ao pai do meu filho, Ademir Alves do Nascimento, pela força, apoio, paciência, compreensão e por ter me proporcionado sempre o melhor para realização desta conquista;

As minhas tias Loura e Nelza, minha avó Dorinha, meu avô que não se encontra mais conosco, por terem contribuído com o início da minha educação;

Aos meus familiares no geral; a algumas amigas, em especial, Isabel Cristina Carneiro, que muito me ajudou nas dificuldades das atividades, e amigos da UEPB de Monteiro – PB e da UEPB de Campina Grande –PB, que de alguma forma contribuíram para a realização deste curso;

À professora Ana Lúcia Maria de Sousa Neves, que, além de orientadora, foi uma grande amiga, que abdicou de momentos dedicados ao seu lar, para me orientar e me incentivar nos momentos de dificuldades que encontrei;

A todos os professores e professoras das escolas Joaquina Cabral e Rubens Dutra Segundo, com quem estudei durante a minha jornada de educação básica, em especial a professora que me ensinou as primeiras letras, que me alfabetizou, Angélica de Souza Oliveira, e Marinete do Rego. De cada um deles ficou um pouco. Aos que no decorrer desta minha formação acadêmica contribuíram de forma considerável para meu desenvolvimento intelectual.

A todos vocês, o meu muito obrigada!

“Cantai ao Senhor um cântico novo, porque ele tem feito maravilhas; a sua destra e o seu braço santo lhe alcançaram a vitória!” (Salmo 91)

“A literatura é a expressão da sociedade, assim como a palavra é a expressão do homem”.

Louis Gabriel Ambroise de Bonald

RESUMO

A leitura do texto literário na escola, principalmente, no ensino fundamental II, continua atrelada, muitas vezes, à discussão estrutural dos textos. O professor tem nesse processo atuação fundamental, pois é a partir de seu planejamento que poderá ou não oferecer ao aluno um encontro significativo com o texto. Para tanto, precisa estar fundamentado teórico e metodologicamente para planejar de maneira intencional e construtiva aulas voltadas para a admiração dos bens simbólicos e estéticos que constituem o patrimônio nacional, tendo acesso pela leitura a novas ideias, novas concepções, novas perspectivas, acerca do mundo, das pessoas, da história dos homens, da intervenção dos grupos sobre a realidade sócio-histórica e cultural. Frente a esta realidade, pretendemos, nesta monografia, analisar uma proposta de trabalho com o gênero fábula, desenvolvida em uma turma do 7º ano, em uma escola pública do município de Campina Grande – PB, analisando algumas possibilidades de interação dos alunos com textos da literatura para o desenvolvimento das habilidades de leitura, compreensão e fruição. A metodologia foi norteada pelas indicações de Cosson (2006), a partir de sua denominada “sequência básica”: Motivação, Introdução, Leitura e Interpretação. Trata-se, assim, de uma pesquisa-ação na qual se prioriza a inserção do pesquisador no meio pesquisado, participação efetiva dos sujeitos envolvidos na pesquisa, busca dos sentidos e das representações. Para embasar a elaboração da proposta e a discussão da experiência vivenciada, recorreremos às contribuições dos estudiosos: Cosson (2006), Souza (2011), Soares (1999), dentre outros.

Palavras-Chave: Leitura; Texto literário; Fábula; Letramento literário.

ABSTRACT

The reading of the literary text in school, especially in elementary school II still tied, often structural discussion of texts. The teacher has this fundamental performance process as it is from your plan that may or may not offer the student a significant encounter with the text. Therefore, it must be based theoretical and methodologically to plan purposeful and constructive way classes geared to the admiration of symbolic and aesthetic assets that constitute the national heritage, having access by reading the new ideas, new concepts, new perspectives about the world, the people, the history of mankind, the intervention groups on the world, on the planet of the universe. Faced with this reality, we intend in this monograph to analyze a proposal to work with the fable genre, developed in a group of 7th grade, in a public school of Campina Grande – PB, analyzing some possibilities of interaction of students with the text of literature for the development of reading skills, comprehension and enjoyment. The methodology was guided by the indications Cosson (2006), from its so-called "didactic sequence": Motivation, Introduction, Reading and Interpretation. It is thus, an, action research in which prioritizes the insertion of the researcher in the middle researched, effective participation of the subjects involved in research, search for meanings and representations. To support the preparation of the proposal and discussion of lived experience, we use the contributions of scholars: Cosson (2006), Souza (2011), Soares (1999), among others.

Keywords: Reading; Literary text; Fable; Literary literacy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. A LEITURA LITERÁRIA NA FORMAÇÃO DO LEITOR.....	10
2. O GÊNERO FÁBULA: DEFINIÇÃO E PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS.....	14
2.1 A origem das fábulas.....	16
2.2 Conhecendo os principais fabulistas.....	17
3. O GÊNERO FÁBULA NA SALA DE AULA.....	19
3.1 – Motivação.....	21
3.2 - Introdução.....	25
3.3 - Início da leitura.....	28
3.4 - Produção escrita e ilustração individual de uma fábula.....	29
3.5 - 5º Encontro – Reescrita.....	32
3.6 - 6º Encontro - Refabulando a Fábula A cigarra e a formigas (Esopo).....	34
3.7 - 7º Encontro – Reescrita da refabulação da narrativa “A cigarra e as formigas”.....	37
4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	39
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS.....	43
APÊNDICE A.....	44
ANEXO A.....	46

INTRODUÇÃO

Os estudiosos Soares (1999), Souza (2011) e Cosson (2006) consideram fundamental para a formação de leitores no ensino fundamental a leitura do texto literário, seja ele em prosa ou poesia. Várias pesquisas mostraram ao longo das últimas décadas que a leitura literária além de preencher o mundo imaginário das crianças, desperta o senso crítico, contribuindo para que o leitor posicione-se criticamente face à realidade.

No que concerne ao trabalho com a leitura na escola, destaca-se, muitas vezes, a ausência de práticas que possibilitem ao professor ministrar aulas menos estruturais, passando a ver a literatura com um olhar mais atrativo, dinâmico e significativo, fazendo com que o sujeito-leitor possa tecer questionamentos investigativos acerca da sua cultura, utilizando-se de seus conhecimentos de mundo e linguísticos.

Assim sendo, o objetivo do estudo aqui apresentado incide na análise de uma sequência didática, baseada na proposta de Rildo Cosson (2006), a partir da experiência realizada na turma do 7º ano em que eu ministrou aulas, em uma escola pública do município de Campina Grande – PB. A experiência foi aplicada no período de 29 de agosto a 19 de setembro, com o intuito de trabalhar a leitura das fábulas: **“O leão e o ratinho”** (Monteiro Lobato), **“Hierarquia”** (Millôr Fernandes), **“O Leão e Rato”** (La Fontaine), **“A Cigarra e as formigas”**, versões de Esopo e Monteiro Lobato.

A escolha por esse tema partiu de observações feitas, desde quando cursava o ensino médio, a respeito do modo como eram conduzidas as aulas de literatura e a atenção dada ao texto literário na sala de aula. Como professora de Língua Portuguesa de turmas do ensino fundamental II, percebi que os alunos não têm prática de leitura do texto literário, muitos afirmam não gostar de ler e que na escola só liam o que fosse necessário para responder às atividades, propostas, geralmente, no livro didático. Ciente desta realidade busco no curso de Letras, embasamento teórico e metodológico para trabalhar em sala de aula o texto literário de maneira a contribuir com a formação dos alunos como leitores, podendo, a partir da minha prática, instigar outros colegas professores a repensarem seu trabalho com o texto literário.

Pensando a formação do sujeito leitor, e refletindo acerca da prática de formação do mesmo, quando nas aulas de literatura ao longo dos quatro anos do ensino fundamental da educação básica, o trabalho em sala de aula com o texto literário chega a ser na maioria das vezes, quase ausente, apesar da sua relevância, conforme destacam os PCN (2001, p.67):

A leitura do texto literário é, pois, um acontecimento que provoca reações, estímulos, experiências múltiplas e variadas, dependendo da história de cada indivíduo. Não só a leitura resulta em interações diferentes para cada um, como cada um poderá interagir de modo diferente com a obra em outro momento de leitura do mesmo texto. E é dessa troca de impressões, de comentários partilhados, que vamos descobrindo muitos outros elementos da obra.

Nessa perspectiva, tenho como propósito desenvolver e analisar uma proposta de trabalho com o gênero fábula, tendo como objetivo principal estabelecer entre o leitor e o texto literário uma interação baseada em quatro relações fundamentais, conforme aponta Ricardo Azevedo (2004): no prazer, na identificação, no interesse e na liberdade de interpretação.

De acordo com Pinheiro (2001, p.23), quando o jovem leitor tem contato com obras literárias mais próximas de sua realidade, tendo, assim, “mais chances de ver representado nelas suas dúvidas, seus anseios, seus medos, seus projetos, mas também seus preconceitos, sua condição de classe, numa palavra, parte significativa de sua vida”, esta leitura torna-se mais atrativa. Isso porque, segundo Bragatto Filho (1995, p.14) com o texto literário:

Aprende-se, compara-se, questiona-se, investiga-se, imagina-se, viaja-se, emociona-se, diverte-se, amadurece-se, transforma-se, vive-se, desenvolve-se a sensibilidade estética e a expressão lingüística adquire-se cultura e contata-se com as mais diferentes visões do mundo, etc.

Contudo, os autores, mostra-nos que o texto literário conduz a um leque de conhecimentos que abrangem não só o mundo da leitura, mas o meio em que vivenciamos a cada dia, a partir do que aprendemos através da leitura, seja literária ou não, temos base, argumentos para lidarmos com cada situação que nos é proposta.

Para uma melhor visualização do trabalho realizado, organizei a presente monografia em três partes. Na primeira, discorri sobre a leitura literária nas turmas do 6º ao 9º ano. Na segunda descrevi aspectos metodológicos da pesquisa, tais como: tipo de pesquisa, caracterização dos sujeitos envolvidos, proposta de atividade aplicada. Na terceira e última parte analisei o trabalho desenvolvido com o gênero fábula no 7º ano.

1. A LEITURA LITERÁRIA NA FORMAÇÃO DO LEITOR

Podemos destacar que para a formação de leitores, devemos começar a trabalhar a leitura, de preferência literária, desde a nossa casa, quando ainda pequeninos, começando com os pais diariamente lendo histórias curtas para eles, tais como contos e fábulas. Na escola, a partir das séries iniciais, torna-se importante a efetiva presença da leitura não como atividade mecânica, mas como uma prática significativa para os alunos por meio das rodas de leitura, dramatização de obras, saraus etc, visando a formação de leitores competentes, isto é, capazes de compreender e interpretar textos longos, distinguirem fato de opinião, realizarem inferências e sínteses. Como afirmam os PCN (2001, p. 58):

Formar leitores é algo que requer, portanto, condições favoráveis para a prática de leitura – que não se restringem apenas aos recursos materiais disponíveis, pois, na verdade, o uso que se faz dos livros e demais materiais impressos é o aspecto mais determinante para o desenvolvimento da prática e do gosto pela leitura. Algumas dessas condições: dispor de uma boa biblioteca na escola; dispor, nos ciclos iniciais, de um acervo de classe com livros e outros materiais de leitura; organizar momentos de leitura livre em que o professor também leia [...] Ver alguém seduzido pelo que faz pode despertar o desejo de fazer também; planejar as atividades diárias garantindo que as de leitura tenham a mesma importância que as demais; possibilitar aos alunos a escolha de suas leituras; [...]; construir na escola uma política de formação de leitores na qual todos possam construir com sugestões para desenvolver uma prática constante de leitura que desenvolva o conjunto da unidade escolar.

Nessa perspectiva, a formação do leitor, como destacam os PCN, não é algo tão fácil assim, mas que não é impossível formar bons leitores literários, para tanto, faz-se necessário que o projeto político-pedagógico da escola priorize esta ação, visando o letramento literário dos alunos.

Segundo Magda Soares, o “Letramento é o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita” (SOARES, 2009, p.18). O trabalho com a leitura, vislumbrando o letramento precisa ter em mente que:

Letramento não é um gancho em que se pendura cada som enunciado, não é treinamento repetitivo de uma habilidade, nem um martelo quebrando blocos de gramática. É diversão, leitura à luz de velas, ou lá fora, à luz do sol, sob diferentes condições, não só na escola, em exercícios de aprendizagem. É também notícias sobre o presidente, o tempo, os artistas de TV, e mesmo Mônica e Cebolinha. Ou seja, é um mapa do coração do homem, um mapa de quem você é, e de tudo que você pode ser. (SOARES, 2009, p. 42- 43).

Baseando-se em Passos (2007), cada vez mais, há uma ausência de leitura literária na sala de aula. Nos próprios Livros Didáticos percebe-se que os poucos textos literários que lá aparecem são fragmentados, raramente tem algum que seja na íntegra. Logo, essa negação de apresentar o texto literário na íntegra nos livros didáticos, cada vez mais aumentam a ausência ou carência de leitura que venha a formar um sujeito leitor e humanizado. Tendo em vista que o ato de ler é de fundamental importância para a socialização e a identificação do homem no meio social, a leitura não deve ser apenas um processo de decodificação de símbolos, palavras, e sim um processo que permite o sujeito entender a compreensão do mundo e as diferenças sociais e culturais.

Passos (2007) também afirma que os livros didáticos, em geral, são muito fechados. Não só nas respostas presentes no livro do professor, mas também na maneira como as perguntas são feitas. Essa prática negligencia a relação existente entre texto e leitores ao cobrar-se respostas objetivas e fechadas em textos subjetivos e abertos, como os literários, já que, segundo Soares(1999), o contato da criança com os textos literários deve ser por prazer. Para ela, é contraditória e até absurda a afirmação de que é preciso desescolarizar a literatura na escola, mas alerta para o fato de que é preciso escolarizá-la adequadamente, obedecendo a critérios que preservem o literário e que conduzam eficazmente às práticas de leitura literária que ocorrem no contexto social e às atitudes e valores próprios do ideal de leitor que se quer formar.

Observando-se algumas coleções de língua portuguesa da educação básica, a exemplo de *Singular e Plural: leitura, produção e estudos de linguagem*, de Laura de Figueiredo, Marisa Balthasar e Shirley Goulart (1.ed. São Paulo: Moderna, 2012), percebe-se que os estudos de texto, ao invés de conduzirem o aluno à análise, compreensão e interpretação, visam apenas o conteúdo gramatical normativo e às informações passadas pelo texto, deixando de lado aspectos como a literariedade, os recursos de expressão e o uso estético da linguagem. Grande parte dos textos poéticos são descaracterizados ou usados apenas para o estudo dos aspectos formais ou para fins gramaticais. Dessa forma, perde-se a oportunidade de explorar o lúdico presente nos poemas, trabalhando assim a leitura como objeto de formação sócio – cultural e levando o aluno a tomar “gosto” pelo ato de ler.

Outro aspecto problemático é a repetição excessiva dos mesmos autores e obras, o que pode ocasionar uma visão limitada de literatura. Além disso, nota-se com frequência a ausência de informações sobre os autores, o que impossibilita uma contextualização apropriada. Observa-se também que a fragmentação e a descontextualização não se

restringem aos textos abordados, mas também na organização e articulação do próprio livro didático, marcado pela ausência de integração entre as diversas partes que o compõem. A escolha do texto literário é, muitas vezes, feita conforme o tema e a partir do conteúdo linguístico trabalhado na unidade do livro, como mero pretexto para estudos gramaticais. A análise dos pareceristas do MEC no Guia dos Livros Didáticos- PNLD 2002, confirma esse fato:

(...) um enfoque historiográfico, centrado nas características dos estilos de época e nos elementos estruturais de composição (foco narrativo, caracterização de personagem, ritmo e rima na poesia). As principais habilidades trabalhadas são a localização de informações e a paráfrase. Com relação à exploração estilística e estética, muitas vezes as propostas limitam as possibilidades de experimentação pelo leitor, quando, por exemplo, solicitam do aluno (...) ora apenas identificar as intenções do autor (...), ora utilizar poemas exclusivamente para o estudo de conteúdos gramaticais (...), ora passar do sentido conotativo para o sentido denotativo, o que é questionável. (MEC, 2001, p.56,79,90,116).

Segundo Maia (2007), nem toda criança alfabetizada é leitora, e isso também não significa que essa criança que foi alfabetizada irá se tornar um leitor no futuro, pois diversos estudos indicam que a criança que não aprendeu a ter prazer em ler nos anos iniciais de alfabetização conseqüentemente não será um bom leitor no futuro, pois para que se consiga ser um bom leitor é preciso investimento na educação básica dessa criança, que se trabalhe diariamente esse processo de formação desse leitor com pequenas “doses” de leitura literária em sala de aula. Entendo, assim, que esse ato irá despertar na criança o entusiasmo pela leitura.

No entanto, enquanto o texto literário continuar sendo trabalhado em sala de aula por meio de fichas de interpretação, desmotivando o aluno, o desinteresse pela leitura prevalecerá. Essas fichas de leitura são, na maioria das vezes, encomendadas pelo professor com as seguintes informações: título da obra, nome do autor, descrições das personagens principais e secundárias, além de outros detalhes superficiais que não avaliam, com clareza, a compreensão do texto (SILVA, 2003, p. 61).

Na escola, com a imposição das leituras idealizadas pelos professores e pelos livros didáticos, constrói-se o mito de que a leitura literária é difícil, complexa e inacessível para os alunos, fazendo com que deixem de gostar de literatura. Segundo Souza (2011):

...a leitura de obra literária torna-se um fator problemático quando ela é feita apenas sob viés pedagógico, isto é, torna-se pretexto para o ensino de uma disciplina curricular, privilegiando a função de instrumento para um fim

alheio às propriedades singulares da criação artística (quando, por exemplo, sua leitura se realiza para o estudo da história, das ciências sociais, da higiene, da religião etc.). O uso do texto literário adquire, então, um caráter exemplar e tem sua especificidade anulada enquanto arte. É preciso, pois, uma correção de rumos, no sentido de propiciar às crianças experiências de leitura fundadas na liberdade de escolha e no ludismo, alicerçadas em bases teóricas sólidas sobre o gênero literário em questão, o processo de leitura, as características emocionais e cognitivas infantis e a metodologia de trabalho mais adequada.

Portanto, a leitura literária na sala de aula deve objetivar que o leitor queira ler mais e mais, fazendo com que ele se torne um adepto, apaixonado pela leitura, isto é, torne-se um leitor por prazer e não leia por imposições e com fins apenas pedagógicos.

2. O GÊNERO FÁBULA: DEFINIÇÃO E PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS

Segundo Fernandes (2001), fábula é um tipo de história que vem sendo contada há mais ou menos 2.800 anos. O homem começou a contar histórias de todos os tipos e umas delas explicavam as coisas da natureza, outras que narravam sobre suas viagens, sua vida, seus desejos, e também com fadas, seres mágicos, com animais ou objetos com qualidades humanas. A partir de então, surgiu a fábula, a qual apresenta uma cena vivida por animais, por plantas, objetos que agem e falam como se realmente fossem gente. Tem como objetivo, sendo ela contada ou escrita, aconselhar, alertar as pessoas sobre algo que poderá acontecer na realidade, transmitir ensinamentos, criticar ou fazer uma ironia. Por essa razão, quase sempre têm-se no final da fábula uma moral, que chamamos de “moral da história”.

A autora alega que, por se tratar de histórias que falam sobre certas atitudes humanas, as fábulas buscam mostrar a disputa entre os fortes e fracos, a esperteza de alguns, a ganância de outros, a gratidão, o ser bondoso, o não ser tolo etc. Temas, esses, que se mantêm atuais, devido tratarem indiretamente de problemas humanos, comuns do dia a dia da sociedade, que se repetem de geração em geração.

Por serem passadas de boca em boca, há mais de dois mil anos, não se sabe quem foi que criou a fábula. Mas, com o passar do tempo, já pelo século VIII a.C, conhecemos algumas delas que foram escritas, isto é, deixaram de existir apenas pela oralidade. Como podemos destacar no Oriente, já no século VI a. C, na Grécia, foi propagada pelo tão conhecido escravo Esopo. Com o decorrer dos anos, as fábulas continuavam a ser contadas, tanto na oralidade quanto na escrita, e por volta de 1600, já no século XVII, um importante escritor francês, conhecido como Jean de La Fontaine, reescreveu e adaptou as fábulas de Esopo e também criou novas histórias.

O título da fábula é uma parte muito importante, porque através dele vem o convite para a leitura de todo o texto. É por meio dele também que fazemos previsões do que se trata, a que gênero o mesmo pertence. A maioria das fábulas tem o título composto pelos nomes dos personagens, em letras minúsculas. Vejamos como exemplo o “O leão e o ratinho” (Monteiro Lobato), “A rã e o rato” (La Fontaine)” entre tantas outras que conhecemos.

Fernandes (2001) afirma que na fábula podemos nos deparar com três ou quatro personagens, mas que a maioria apresenta apenas duas. Os temas das fábulas, no geral, tratam de modos, comportamentos, atitudes opostas como o feio/belo, forte/fraco, esperto/ingênuo, pequeno/grande etc.

Outra característica que é muito importante e merece destaque, como assegura a autora, são os estilos de escrever as fábulas, eles são diferentes entre os autores como Esopo, La Fontaine e Monteiro Lobato, isto é, cada autor tem seu estilo próprio.

As fábulas de Esopo são criadas com poucos diálogos, talvez seja pelo fato de serem contadas oralmente para dar conselhos nas situações difíceis da vida. Neste tipo de construção, o narrador conta não só a história, como também o que os personagens falaram. É um estilo que se parece muito com o jeito como as pessoas relatam um fato que viram acontecer. (FERNANDES, 2001).

Nas fábulas escritas por La Fontaine e Monteiro Lobato, encontramos um grande número de diálogos, o narrador pouco participa da história. Os diálogos tornam a situação da história mais objetiva, ou seja, é como se tivéssemos diante das personagens, ouvindo a conversa delas. A não indicação precisa do tempo caracteriza também esse tipo de narração e quando tem o tempo, é meio vago, impreciso, ou seja, aparece com a marcação do tempo da seguinte forma “um dia”, “certa vez”, sem dizer com convicção os fatos. Este recurso tem como objetivo tornar válido esse ensinamento em qualquer época, por isso, o tempo em que ocorrem os fatos devem ser apagados. É uma estratégia de as fábulas contarem histórias “para sempre”, eternamente, (FERNANDES, 2001).

O escopo central da fábula é conduzir o leitor à moral da história, ou melhor, a lição, o ensinamento que ela pode nos trazer que serve como conselho, crítica ou sátira (gozação). Ela é uma narração curta, mas que tem esse grande objetivo. (FERNANDES, 2001).

As fábulas contadas por Esopo são muito antigas, sendo elas contadas pelo povo de boca em boca. Por meio delas, Esopo falava ao povo humilde, situações que envolviam o ser humano, tirando delas um ensinamento. Sua intenção era aconselhar, convencer e, às vezes, impedir alguém de praticar algo ruim ou que não lhe é favorável.

Monteiro Lobato tem como objetivo usar os ensinamentos das fábulas para aconselhar o seu público. Como ele é bem mais recente, é outra época, valores e preocupações, usou também com a intenção de criticar, satirizar e divertir.

Os fabulistas escolhem animais para serem personagens em suas narrações devido apresentarem algumas características que servem para fazer comparação com as atitudes humanas. Já que sempre existiu o costume de comparar o ser humano com os animais. Além de animais, os autores dão vida também a plantas e objetos, tornando assim mais prático a compreensão da sociedade. É um modo indireto do ouvinte ou leitor entender o conselho, a crítica, a sátira e também por ser um recurso de fácil compreensão por parte das pessoas. Esta forma indireta de atingir os ouvintes ou leitores é outra estratégia marcante das fábulas.

Foucault (*apud* OLIVEIRA, 2011) argumenta que a fábula é aquilo que é contado – episódio, personagens, as atribuições que estes exercem na narrativa. Nesta perspectiva, a mesma não seria apenas um gênero, uma espécie de narrativa, mas uma qualidade da mesma, podendo ser aplicado em qualquer tipo de narrativas, seja nos contos de fadas, nos mitos, nas lendas ou até mesmo nas próprias fábulas apoderadas em seu sentido restrito.

Dezotti (*apud* OLIVEIRA, 2011) afirma que a fábula é mais que um gênero literário, é uma prática discursiva que, alcançando o objetivo de ultrapassar os limites dos textos, poderá fazer uma ponte ao momento da enunciação. Essa junção com a enunciação estabelece ao ouvinte não só apenas a compreensão da narrativa, mas também os instiga a interpretá-la partindo de seu contexto de aparição.

Já Todorov (*apud* OLIVEIRA, 2011) notabiliza que essa narrativa é o gênero mais profícuo da representação pura, ou seja, é uma premissa de sentido duplo, tendo em vista que o próprio (sentido) apaga-se por absoluto.

E para Moisés (1982, p. 226, *apud* OLIVEIRA, 2011) é um relato curto, fácil de ser identificada com a ficção e a alegoria, em razão da moral, implícita ou explícita que encerra a fábula e de sua estrutura dramática.

2.1 A origem das fábulas

Afirma-se que a origem da fábula está vinculada ao legendário escravo grego Esopo que viveu por volta do século VI a.C. Considerado o inventor, pai da fábula. Pois conta-se que quando ele, ainda menino, o Deus Hermes visitou-o dando-lhe o dom de criar fábulas. Quanto a isso, Dupont – sommer (*apud* OLIVEIRA, 2011) mostra uma outra versão para a criação dessa narrativa. Segundo o autor, a obra *L` Histoire d`Abigar* foi descoberta a partir de fragmentos araméens, encontrados na Índia, existindo, assim, narrativas com a mesma finalidade moralizadora daquelas histórias do escravo grego (Esopo), ou seja, ele alega que essas narrativas precedem as de Esopo. Portanto, as fábulas teriam nascido na Índia.

As fábulas indianas classificam-se como fábulas exemplares, dão o exemplo, característica que será seguida por diversos fabulistas. No Brasil, após ter percorrido terras estranhas, como da Ásia Menor até Europa, com tanta sabedoria e belezas, lições e exemplos, a fábula chegou ao nosso país.

Segundo Sandroni (1987, *apud* OLIVEIRA 2011), a fábula da tradição foi trazida para o Brasil pelo autor Justiniano José de Rocha, em 1852, através do primeiro livro de fábulas

publicado aqui em nosso país. Essa coleção continha narrativas de Esopo e La Fontaine. No entanto, com o decorrer dos anos, José Bento Monteiro Lobato toma as fábulas em suas mãos e lhes dão novas vestes, novos dizeres, outras vozes. Ou seja, ele fez uma adaptação voltada para as crianças brasileiras, com o objetivo de desenvolver no leitor-criança o espírito questionador, crítico, atentos ao que acontecem em seu redor.

Temos como espaço ficcional o Sítio do Pica pau Amarelo, onde Dona Benta narra as fábulas para as crianças Narizinho, Pedrinho e a boneca Emília, e abre espaço para questionamentos, reflexões por parte deles. Todos ficam muito atentos ouvindo a narração da tão sábia senhora. Essa interrupção por parte dos pequeninos é uma característica muito importante para a inovação das fábulas de Lobato. O mesmo reinterpreta a fábula clássica seguindo a trilha do cânone Esopo/Fedro/La Fontaine para o pensamento crítico moderno. Isso é fundamental, instiga as crianças a querer conhecer, a ler as fábulas de vestes novas (OLIVEIRA, 2011).

2.2 Conhecendo os principais fabulistas

Os fabulistas principais foram Esopo, La Fontaine e, aqui no Brasil, o Monteiro Lobato. Cada autor escrevia de acordo com sua época, conforme o pensamento das pessoas sobre a sua sociedade, o mundo, e o modo como vivem. Por meio das leituras, do estudo dessas histórias que conhecemos um pouco dos valores desses autores, da sociedade, ou melhor, do que a população acreditava ser a melhor forma de agir em meio à sociedade.

De acordo com Fernandes (2001), Esopo era um escravo grego que viveu no século VI a.C, escravos nessa época eram aprisionados para guerrear. Pois os povos se dividiam praticamente em dois grupos, estes são de um lado, os mais fortes e os do outro os mais fracos. Como sempre, o forte querendo dominar o mais fraco. Só que o grupo que perdesse a guerra era obrigado a se tornar escravo ou pagar impostos aos que ganhavam, então como Esopo era esperto e inteligente, não concordava com certas ações feitas pelos mais fortes, muitas vezes aconselhava seu povo por meio de suas fábulas.

O autor foi vendido para um mercador que era dono de muitos escravos e explorador deles, principalmente de Esopo, por ser de estrutura física pequena, pediu que pegassem mais leve com ele, pois não tinha muita força para suportar tanto peso, responderam a ele que se não quisesse não precisaria pegar os fardos pesados, com isso Esopo ficou ofendido. Zombaram dele, pensando que o mesmo seria um tolo. Mas de bobo e idiota ele não tinha

nada, pelo contrário, de tanto livrar seus senhores de apuros, que logo conquistou sua liberdade. Viajou para outros lugares, ganhou méritos com os reis, devido sua inteligência, seus conselhos, dados muitas vezes através das fábulas, ganhou muitas homenagens por onde andou.

Jean de La Fontaine, escritor francês recriou as fábulas de Esopo, além de criar as suas próprias no século XVII (1600 – 1700). Ele escrevia suas narrações com o objetivo de criticar o modo de vida da sociedade, pois através delas denunciava as misérias e as injustiças de sua época. Como não podia falar claramente esses acontecimentos e comportamentos, pois seria morto, o autor expressava através das fábulas. Escrevia as fábulas em forma de poesia, sendo este gênero muito valorizado na época.

Monteiro Lobato escreveu tanto para adultos quanto para crianças por volta de 1920 – 1940. Escreveu o livro *Fábulas* no qual recria as fábulas de Esopo, de La Fontaine e as suas próprias. Ele acreditava que devemos valorizar nosso povo, nossa terra e as coisas de nossa terra. Autor do *Sítio do Pica Pau Amarelo*. Lobato se preocupou em quase todos os seus livros voltados para crianças, prepará-las para a vida em sociedade, através da mistura de fatos reais com o mundo imaginário. Por ser uma época em que os mais fortes mandavam até na liberdade da sociedade, utilizou as fábulas como um meio de criticar a maneira de como a sociedade vivia para denunciar as injustiças e tiranias, mostrando as crianças a vida como ela é, tendo em vista que sempre os mais fortes sempre vence.

Millôr Fernandes (1923-2012) foi um desenhista, humorista, tradutor, escritor e dramaturgo brasileiro. Era um artista com múltiplas funções e atividades, nasceu no bairro do Méier, no Rio de Janeiro, no dia 16 de agosto de 1923. Ficou órfão de pai quando tinha dois anos de idade. Passou toda a infância ao lado da mãe e de três irmãos. Aos 12 anos perdeu a mãe e foi morar na casa do tio. A primeira oportunidade de mostrar seu talento foi com a convocação para preenchimento do espaço vago de publicidade em quatro páginas da revista coirmã "A Cigarra". Ele deu o nome de "Poste-Escrito" ao conjunto do trabalho. Faleceu no Rio de Janeiro, foi vítima de parada cardiorrespiratória, no dia 27 de março de 2012.

3. O GÊNERO FÁBULA NA SALA DE AULA

Nesta pesquisa-ação tive como participantes alunos da Educação Básica, Fundamental II, (turma 7º ano), onde pude observar que alguns alunos tinham vergonha de ler, outros, porém, por falta de motivação, alguns insistem e não querem ler, nem estudar, muitos deles afirmam que só vão à escola porque os pais obrigam, mas, se dependesse deles, não iriam, e muitos também dizem que vão, mas, com o objetivo de perturbar em sala de aula, porque não gostam de estudar, mesmo utilizando uma metodologia diferenciada, mais dinâmica e atrativa para que os mesmos não parem de estudar, esses são os motivos que encontrei no início desta pesquisa.

A Escola E. E. F. e Médio Rubens Dutra Segundo está situada no Distrito de Catolé de Boa Vista – CG/PB, onde foi desenvolvida esta pesquisa. Um dia por semana praticamos a leitura dos textos literários, pois pude observar que estudar literatura não é simplesmente estudar os fatos históricos que delimitam o início e o fim de um determinado estilo de época, ou os nomes das obras e dos seus respectivos autores que, se pretendemos, realmente, ensinar Literatura. Ela vai muito mais além, a Literatura é a arte da palavra, que nos transmite através do texto literário hábitos e costumes culturais de um determinado povo, tribo ou nação, nos faz refletir, adquirir conhecimento, dar sugestões, etc.

Nesse intuito, objetivamos fazer fluir o valor estético do objeto “texto literário” em nossas crianças e jovens, no espaço da sala de aula, utilizando textos, em narrativas curtas, a exemplo das fábulas selecionadas para este trabalho, que são elas: “*O leão e o ratinho*” (Monteiro Lobato), “*Hierarquia*” (Mollôr Fernandes), “*O Leão e Rato*” (La Fontaine), “*A Cigarra e as formigas*”, versões de Esopo e Monteiro Lobato, tendo-as como objeto dessa pesquisa.

O estudo em pauta situa-se na área de Literatura (Língua Portuguesa) com enfoque de levar o aluno a vir a tomar gosto pela leitura e a partir dela à escrita, ou seja, é uma proposta para a leitura por prazer, com esse incentivo, aos poucos os alunos vão sentindo mais vontade de ler vários outros livros literários, basta que o título do livro os chame a atenção, assim, já os instiga a querer saber toda a história, quem são os personagens, onde acontece, quando, como e qual foi o final, (feliz! Triste!). A leitura literária faz essa provocação em seu leitor.

Tive como objetivo, nesta pesquisa-ação, analisar, de forma qualitativa, a abordagem do texto literário nas aulas de leitura literária na turma do 7º ano (fundamental II) na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Rubens Dutra Segundo com a intenção de fazer

fluir o gosto pela leitura literária dos alunos e estes de alguma forma instigar todas as outras turmas, a sua comunidade.

Para os estudiosos Soares (1999), Souza (2011) e Cosson (2006), o que promoverá o apropriação por parte dos alunos das noções, técnicas e instrumentos para o desenvolvimento de sua capacidade de expressão oral e escrita é o trabalho do educador criando contextos de produção, atividades múltiplas que sejam satisfatórias em todos os âmbitos da produção. E o procedimento ideal para o alcance dessa meta é o trabalho com sequências didáticas.

O autor Rildo Cosson (2006), propõe, em sua obra *Letramento Literário: teoria e prática*, que a abordagem do texto literário seja realizada, inicialmente, a partir de uma sequência básica, esta dividida em quatro etapas: Motivação Introdução Leitura Interpretação. Com base nessa proposta, foram selecionados algumas fábulas para o trabalho em sala de aula.

Falando de gênero e o ensino da língua podemos nos perguntar: existe um gênero ideal para ser trabalhado em sala de aula? Existe uma grande variedade de gêneros textuais, porém alguns gêneros são mais explorados pela escola, e o papel da sequência didática é de auxiliar o aluno a fazer uso de um gênero de texto em seu dia a dia e contexto social e devendo ser elaborada a partir de gêneros não dominados ou pouco conhecidos pelos alunos.

No primeiro passo, que é a motivação, Cosson propõe fazer um resgate do conhecimento prévio dos alunos; fazer uma leitura silenciosa do gênero a ser trabalhado, em nosso caso da fábula; em seguida, a leitura em voz alta feita por nós professores; cada aluno será incentivado a falar sobre o que acharam da fábula e fazer uma retomada das hipóteses levantadas pelos alunos.

No segundo passo – introdução – apresenta-se o autor e a obra a ser trabalhada. Para essa introdução escolhemos as fábulas “*Hierarquia*”, (Millôr Fernandes), “*O leão e o ratinho*” (Monteiro Lobato) e “*O Leão e o Rato*” (La Fontaine), justificando o objetivo da escolha dessas fábulas que são tão semelhantes e a importância das mesmas.

No terceiro e quarto passos – Leitura e Interpretação – o teórico propõe inicialmente uma leitura silenciosa individual, depois a leitura oral feita pelos alunos e a interpretação coletiva do texto em exercício através da produção do final desta, objetivando uma composição coerente e interpretativa dos alunos, pois leitura e interpretação caminham juntos, são dependentes. Como afirma Cosson (2006, p. 64 – 66):

O processo da leitura, que a interpretação parte do entretencimento dos enunciados, que constituem as inferências, para chegar à construção do sentido do texto, dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade [...] A interpretação é feita com o que somos no momento da leitura. [...] é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. [...] As atividades de interpretação devem ter como princípio a externalização da leitura.

Então, para trabalharmos a interpretação proposta por Cosson (2006), além da recriação do final da fábula “*O leão e o rato*”, (La Fontaine), propomos a refabulação da fábula “*A cigarra e as formigas*”, (Monteiro Lobato). A palavra “refabulação” significa recriar uma fábula, na qual podemos mudar os personagens sem fugir do enredo, do espaço e do tempo em que ocorre a narrativa.

Diante do exposto proposto por Cosson (2006), colocamos em prática a sequência básica que resultou em um trabalho significativo para os alunos, conforme descreveremos e analisaremos a seguir.

O trabalho desenvolvido seguiu as etapas propostas por Cosson: **Motivação**
Introdução Leitura Interpretação, durante sete encontros de três horas/aulas, cada.

3.1 – Motivação

Iniciamos nosso trabalho fazendo um levantamento junto aos alunos das fábulas que eles conheciam. Após o diálogo com a turma, percebemos que a maioria dos discentes teve seu primeiro contato com as fábulas na escola.

Neste sentido, constatamos mais uma vez a importância do professor como mediador na promoção da leitura, como agente principal na interrelação entre o aluno e o texto.

Observamos também no diálogo com os alunos que a fábula “*A cigarra e as formigas*” é o texto mais presente na memória deles. A maioria dos alunos disse que já conhecia a história.

Percebemos também no diálogo com os alunos que o conhecimento prévio sobre fábulas restringia-se a característica de que se trata de um texto que apresenta animais. Quando copiamos na lousa o título da fábula “*A cigarra e as formigas*”, duas alunas falaram que já tinham lido esta fábula, o interessante foi que uma aluna leu a fábula de Esopo, que fala sobre as formigas que não ajudam a cigarra e a outra aluna logo acrescentou que a versão lida falava o contrário, que as formigas ajudaram a cigarra, pois ela tinha passado todo o verão cantando para as formigas e o seu canto tornava o trabalho das formigas mais animado, menos

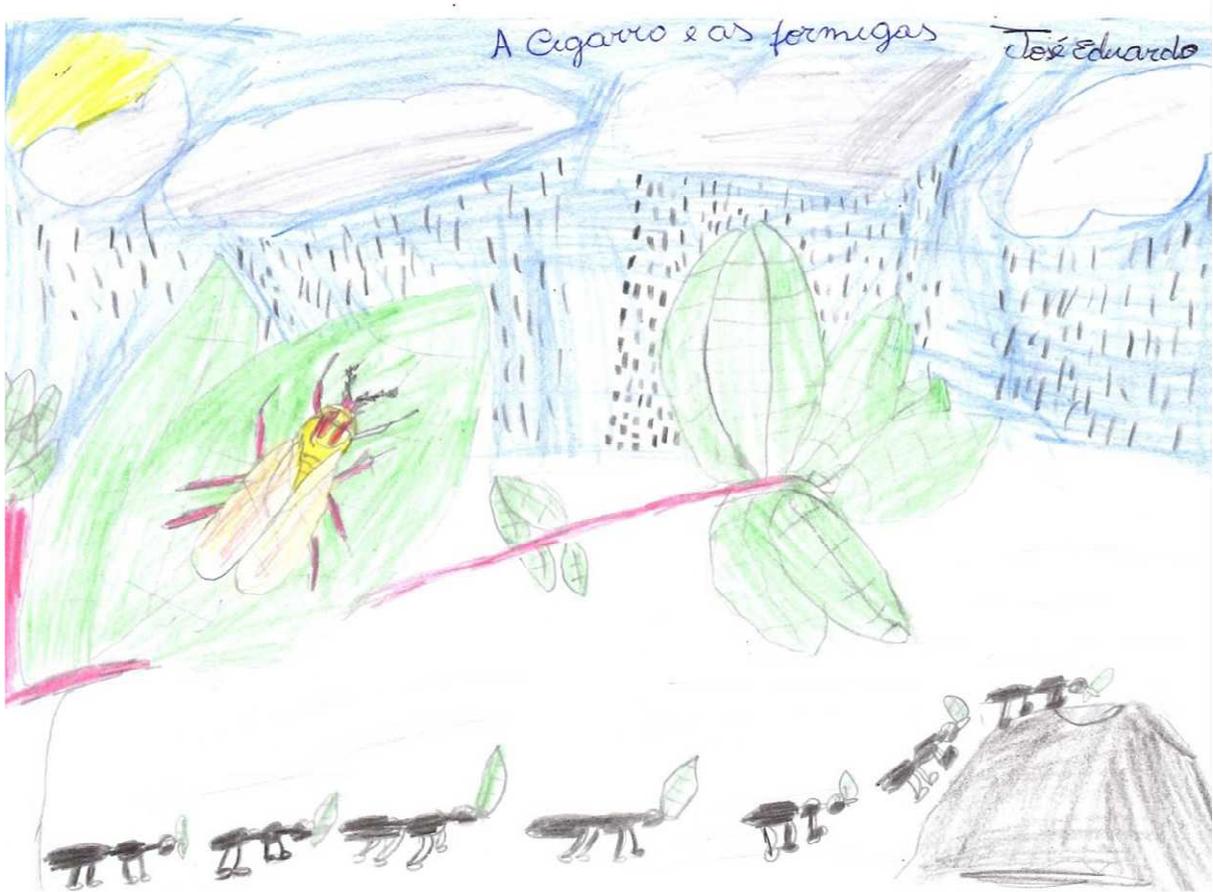
árduo. Foi muito interessante, essa participação das alunas, abriu um leque para a discussão sobre o diálogo entre os textos produzidos por autores diferentes em épocas distintas. Conversamos com os alunos sobre os fabulistas Esopo, Jean La Fontaine e Monteiro Lobato, destacando aspectos da realidade social e histórica em que viveram e a relação disto com o que escreviam.

Dando prosseguimento, propomos aos alunos que, por meio de desenhos, representassem a fábula “A cigarra e a formiga” na versão que eles conheciam. Neste sentido, o objetivo com a atividade era de proporcionar aos alunos uma oportunidade de criação na qual pudessem resgatar as singularidades da fábula, de acordo com sua interpretação pessoal, ou ainda de sintetizar a sua compreensão em relação ao texto. Vejamos as ilustrações da fábula trabalhada pelos meus alunos:

Ilustrações feitas pelos alunos “A cigarra e as formigas”







Aluno: Thyago Pereira Maciel





Os alunos se inspiraram e desenharam até a cigarrinha com um violão, tocando para alegrar o arduo trabalho das formiguinhas. Muito criativo.

3.2 - Introdução

No segundo encontro com a turma, levamos para trabalhar as fábulas “*Hierarquia*”, (Millôr Fernandes), “*O leão e o ratinho*” (Monteiro Lobato) e “*O Leão e o Rato*” (La Fontaine). Antes de iniciar, fizemos uma breve revisão, foi muito gratificante a participação dos alunos na discussão. Em seguida, falamos um pouco sobre os autores, as obras e a importância das mesmas. Justificamos o objetivo da escolha dessas fábulas que são tão semelhantes. Os alunos lembraram e comentaram praticamente toda a aula anterior, interagiram de uma forma que até nos surpreendemos, não esperávamos que a aula fosse tão proveitosa. Após este momento de diálogo, pedimos que os alunos fizessem uma leitura silenciosa das fábulas “*Hierarquia*”, (Millôr Fernandes), “*O leão e o ratinho*” (Monteiro Lobato). Ao realizarem a leitura, disseram que as duas eram iguais, pois falavam dos mesmos personagens, a diferença, no caso, seria a moral, que em uma fala que só plantamos o que

colhemos, ou seja, se plantarmos boa semente colheremos bons frutos e a outra falava sobre a questão de que tamanho não quer dizer nada. Cada um com sua função, por pequeno que seja, tem seu valor. A atividade escrita desse encontro foi produzir um final para a fábula “O leão e o rato”, (La Fontaine). Os grupos criaram o final muito parecido com o original, e a moral foi bem criativa. Podemos nessa produção seguinte.

O Leão e Rato (La Fontaine)

Um dia, estava um leão a dormir a sesta quando um ratinho começou a correr por cima dele. O leão acordou, pisou a pata em cima, abriu a boca e preparou-se para a lingueta.

- Perdeu-me! - gritou o ratinho - Perdeu-me desta vez e eu nunca esquecerei. Num salto de um dia não precisará de mim? O leão ficou tão divertido com esta ideia que levantou a pata e o deixou partir.

Dias depois o leão caiu numa armadilha. Como os caçadores o queriam fazer virar o Pei, amarraram-no a uma árvore e partiram à procura de um moço para o transportarem... Mas o leão pediu a ajuda do ratinho e o ratinho ajudou o leão.

Moral da História: Ajudar para ser ajudado. ←



Socialização da produção do final da Fábula “*O leão e o rato*”, (La Fontaine).

3.3 - Início da leitura

Antes de pedir aos meus alunos que fizessem uma leitura silenciosa das fábulas a serem trabalhadas, retomamos o que trabalhamos nas aulas anteriores, uns cinco alunos comentaram o que aprenderam, foi uma boa revisão feita por eles mesmos. Após esse resumo, os alunos iniciaram a leitura das fábulas “*Hierarquia*”, (Millôr Fernandes) e “*O leão e o ratinho*”, (Monteiro Lobato). Assim que leram, todos disseram que era a mesma fábula. A partir de então, comecei a perguntar porque eles achavam que era a mesma, responderam que era porque falava do leão e o rato. Com isso, instigamos a falarem sobre as semelhanças, as diferenças, a moral se tinha o mesmo sentido ou não. Perguntei o que eles poderiam aprender com as lições de moral passada pelas fábulas. Todos comentaram que serviam para aprendermos a dar valor a nós mesmos, que devemos respeitar o próximo, independente de tamanho, ou posição social, que não devemos desistir de lutar por nossos objetivos, etc.

Em seguida, com a turma dividida em grupos, pedimos que cada equipe interpretasse a fábula “O Leão e o ratinho” (Monteiro Lobato), através da produção do final da mesma, como foi feita na fábula “O leão e o rato”(La Fontaine), pois entregamos esta fábula aos alunos faltando o final para que assim os próprios grupos pudessem construir o final da história, sem conhecerem o final original da fábula de Lobato. Essa produção teve como objetivo a composição coerente e interpretativa dos alunos. Asseguro que foi muito boa a criação por parte dos alunos, os finais ficaram bem parecidos, a moral ficou coerente com o desenrolar da história. 70% da turma nos surpreendeu com o bom desempenho. Após essa produção, pediram para realizarem a ilustração da fábula.

Ilustrações da Fábula “O leão e o rato”(Monteiro Lobato)



3.4 - Produção escrita e ilustração individual de uma fábula

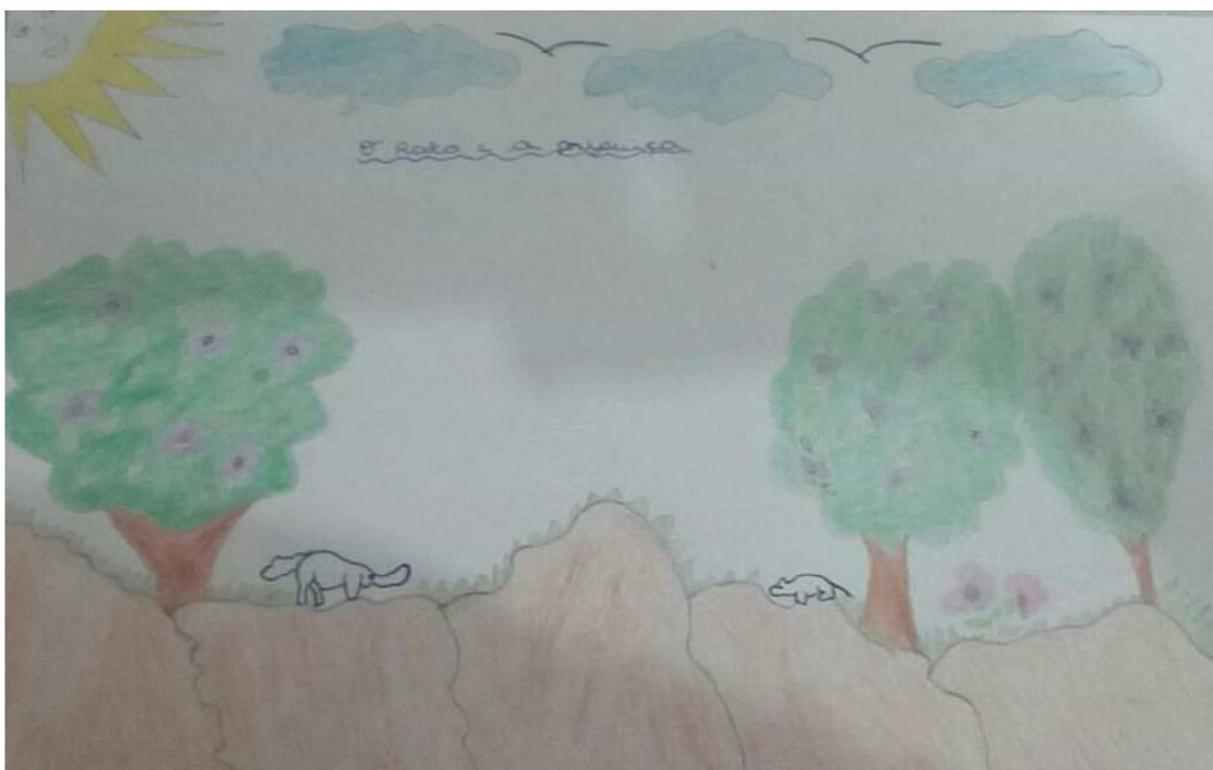
Neste encontro, como nos anteriores, fizemos uma retomada do que foi trabalhado nas aulas até então. Para tanto, propusemos a produção de uma fábula, a partir dos exemplos já lidos e discutidos em sala de aula. De início, disseram que não iriam saber fazer essa

produção, porque ler uma fábula já pronta é diferente de criar uma, mas falei que eles não tinham certeza que não sabiam produzir, pois como iriam saber se ainda não tinham criado nenhuma! Essa minha colocação, encorajou-os. Mesmo estando cursando o sétimo ano, os alunos demonstram insegurança em escrever. Muitos chegavam a temer este momento. Este fato revela-nos a maneira problemática que envolve o trabalho com a escrita na escola.

Começaram as produções, dois alunos ficaram conversando em voz alta, os demais da turma pediram que fizessem silêncio para que, assim, pudessem criar suas narrações. Começou a sair a primeira linha, o título, no caso, nos perguntaram sobre o que ou quais os personagens que deveriam colocar, deixamos eles a vontade para escolher os personagens. Quando terminaram, saíram vários personagens como, “*O cachorro e a cachorra*”, “*O carrapato e a pulga*”, “*O leão e o rato*”, “*O pássaro e o gato*”, “*O cachorro e o gato*”, “*O lobo e a cabra*”, “*O gato e o peixe*”, “*A lagarta e os pássaros*”, “*A cobra e o rato*”, “*O rato e a preguiça*”.

Ilustrações de algumas dessas fábulas citadas.





Após a produção escrita, pediram folha A4 para desenhar seus personagens, como já tinham feito na fábula “*O leão e o ratinho*”, trabalhada anteriormente. Gostam muito de desenhar, cada um com sua criatividade, com seu jeito de ser e fazer suas tarefas, se acharam no mundo das fábulas, toda fábula, queriam logo colocá-las em desenhos. Muito lúdico, o desenho fez com que eles esquecessem do horário, quando tocava a última aula, reclamavam,

porque tinha passado muito rápido. Mais um dia gratificante. Pois foi alcançado o objetivo do dia, “a produção”, por meio da qual pudemos analisar se realmente entenderam o que é uma fábula, o enredo, o contexto, o que ela tem a nos passar, o texto em concordância com o título, a moral que nos traz uma lição, um ensinamento, como foi passado. Os alunos a partir dessa produção mostraram, dentre outros aspectos, o que aprenderam sobre fábulas.



3.5 - 5º Encontro – Reescrita

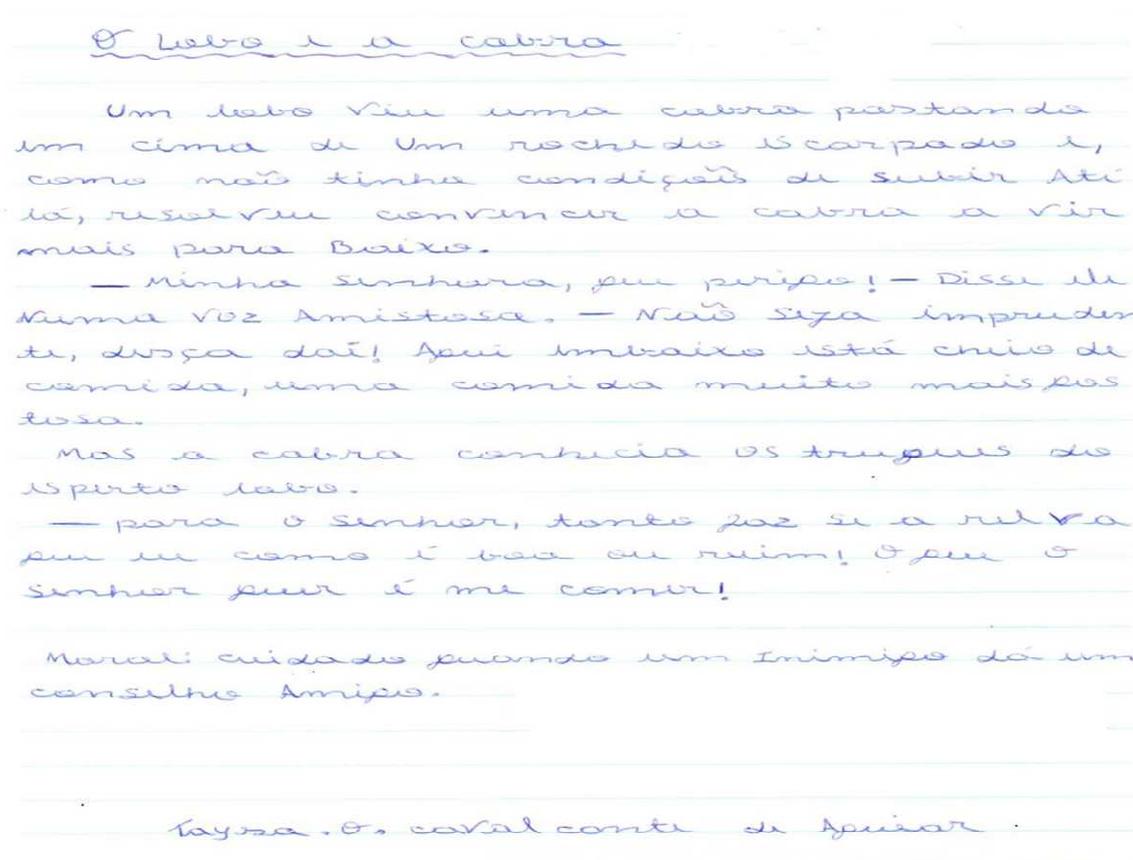
Após esses quatro encontros, tendo realizado duas produções escritas, a criação do final da fábula “O Leão e o Rato” (La Fontaine) e a segunda a produção de uma fábula, pedimos a reescrita da segunda, por ser uma criação deles, baseando-se no que aprenderam sobre fábulas, depois de toda uma contextualização. Meu objetivo com essa reescrita foi a melhoria de aspectos microtextuais como a ortográfica e macroestrutural (a coerência), para que cada vez mais possam melhorar em suas futuras produções. Para orientar a reescrita realizamos observações em cada texto, chamando a atenção para as dificuldades dos alunos, ressaltando sempre que a correção faz parte da escrita de qualquer texto e é realizada por todas as pessoas que escrevem. Deixamos os alunos com tempo suficiente para reescrever suas fábulas. Então, terminaram, nos entregaram, ficando com a que foi corrigida, para que em coletivo pudéssemos fazer uma análise oral dos aspectos corrigidos.

Após a segunda correção, constatamos que quase todos os alunos melhoraram significativamente em relação à primeira escrita. Podemos atribuir essa melhoria ao planejamento das aulas que buscamos através de atividades contextualizadas ajudar melhor no

entendimento dos alunos. E quanto ao desempenho dos mesmos, podemos dizer que alguns alunos entenderam mais que outros. Isso é relativo, pois vai muito do interesse em aprender coisas novas. Podemos dizer também que os alunos que já tem um conhecimento prévio, entendeu o gênero com mais facilidade, por que sempre que começávamos as aulas sempre revisávamos o assunto.



O resultado da reescrita



3.6 - 6º Encontro - Refabulando a Fábula A cigarra e a formigas (Esopo)

A atividade proposta para este encontro foi recontar a fábula “*A cigarra e as formigas*”, (Esopo). mudando os personagens e o espaço onde ocorre e o enredo. Mas, antes de começar essa tarefa, fizemos uma breve revisão das aulas anteriores. Perguntamos se tinham gostado de produzir uma fábula, responderam que acharam difícil, mas nada que não pudessem fazer, mesmo “errando”, tentaram - disse eles.

Então, com essa colocação por parte deles, abri um espaço, no qual, falei que gostamos das produções e considerei que cada uma estava mais criativa que a outra. Escreveram ótimas narrativas, para eles que disseram não saber, produziram textos surpreendentes. Acrescentei ainda que, todos mostraram que sabem sim, que cada um tem sua competência e habilidade. Era só deixar o “Não sei!” de lado e partir para a prática, visto que é a partir dela que mostramos o quanto somos capazes e sabemos colocar em ação o que aprendemos na teoria. Ficaram lisonjeados com nossas palavras, motivando-os a refabular a fábula “*A cigarra e as*

formigas”, (Esopo). Começaram a escrever, pedi que escrevessem em folhas de caderno mesmo, para que após as correções, passassem para a folha A4, na qual seria anexada a fábula original. Todos fizeram. Alguns mudaram o enredo, outros ficaram mais presos à sequência de fatos do texto original. Ficaram muito boas.

Como requer concentração e dedicação, passaram duas aulas para terminarem. Após o término, me entregaram e pediram para desenhar os novos personagens criados por eles. Duas alunas logo se disponibilizaram para ir buscar na secretaria lápis de pintar e régua para passar sua criação escrita para os desenhos que gostam tanto de fazer. Como não deu tempo para concluir os desenhos, pediram para terminar em casa e trazerem no próximo encontro. Antes que tocasse para o término das aulas, perguntei a eles qual foi a sensação que sentiram ao fazer uma refabulação.

Refabulação

FÁBULA

A Cigarra e as formigas

Fábula de Esopo

Num belo dia de inverno as formigas estavam tendo o maior trabalho para suas reservas de trigo. Depois de uma chuvarada, os grãos tinham ficado completamente molhados. De repente aparece a cigarra:

_ Por favor, formiguinhas, me dêem um pouco de trigo! Estou com uma fome danada, acho que vou morrer.

As formigas pararam de trabalhar, coisa que era contra os princípios delas, perguntaram:

_ Mas por quê? O que você fez durante o verão? Por acaso não se lembrou de guardar comida para o inverno?

_ Para falar a verdade, não tive tempo – respondeu a cigarra – Passei o verão cantando!

_ Bom... Se você passou o verão cantando, que tal passar o inverno dançando? – disseram as formigas e voltaram para o trabalho dando risada.

Moral da História: Os preguiçosos colhem o que merecem.

Refabulando

As cachorrinhas e o gato

Num belo dia de inverno as cachorrinhas estavam tendo o maior trabalho para suas reservas de ossos. Depois de uma chuvarada, os ossos tinham ficado completamente molhados. De repente aparece o gato.

_ Por favor, cachorrinhas, me dêem um pouco de seus ossos! Estou com uma fome danada, acho que vou morrer.

As cachorrinhas pararam de trabalhar, coisa que era contra os princípios delas, perguntaram:

_ Mas por quê? O que você fez durante o verão? Por acaso não se lembrou de guardar comida para o inverno?

_ Para falar a verdade, não tive tempo – respondeu o gato – passei o verão dormindo!

_ Bom... Se você passou o verão dormindo, que tal passar o inverno caçando? – disseram as cachorrinhas e voltaram para o trabalho dando risada.

Moral da História: Tudo na vida vem além do trabalho.

Aluno: Thyago Pereira Maciel

O esquilo e o Passarinho

Num belo dia de inverno os esquilos estavam tendo o maior trabalho com suas reservas de nozes.

Depois da chuvarada, as nozes tinham ficado completamente molhadas, de repente aparece o Passarinho:

- Por favor, esquilos, me dêem um pouco de nozes!

Estou com uma fome danada, acho que vou morrer. Os esquilos pararam de trabalhar. - Mas por que? O que você fez durante o verão? Por acaso não se lembrou de guardar comida para o inverno? - Para falar verdade não tive tempo.

- Respondeu o Passarinho - Passei o verão cantando!

- Bom... Se passou o verão cantando, que tal passar o inverno dançando?

Disseram os esquilos e voltaram para o trabalho rindo.

Moral da história -> os Preguiçosos colhem o que merecem.

Adaptado Gomes Goulart, 17 anos, aluno.

FÁBULA

A Cigarra e as formigas

Fábula de Esopo

Num belo dia de inverno as formigas estavam tendo o maior trabalho para suas reservas de trigo. Depois de uma chuvarada, os grãos tinham ficado completamente molhados. De repente aparece a cigarra:

- Por favor, formiguinhas, me dêem um pouco de trigo! Estou com uma fome danada, acho que vou morrer.

As formigas pararam de trabalhar, coisa que era contra os princípios delas, perguntaram:

- Mas por quê? O que você fez durante o verão? Por acaso não se lembrou de guardar comida para o inverno?

- Para falar a verdade, não tive tempo - respondeu a cigarra - Passei o verão cantando!

- Bom... Se você passou o verão cantando, que tal passar o inverno dançando? - disseram as formigas e voltaram para o trabalho dando risada.

Moral da História: Os preguiçosos colhem o que merecem.

Alguns alunos disseram que foi difícil, pois tinha que adaptar o enredo da história com os novos personagens, mas ao mesmo tempo acharam legal substituir o tipo de comida que era coletada pelas formigas, pelo tipo de alimento que seus personagens gostam. Outros

alunos falaram que foi boa a experiência de recontar uma história com outros personagens. E deu certo! Tanto que na hora do intervalo, ouvi três alunas comentando com as amigas de outra turma, que tinham feito uma refabulação, as amigas perguntaram o que significava essa palavra, e elas responderam que era recontar uma fábula mudando os personagens, colocando o tipo de alimento que mais os personagens gostam ou alguma outra coisa, era só soltar a imaginação para recontar uma fábula, ou melhor, reconstruir uma nova versão, assim, como La Fontaine, Monteiro Lobato recriaram as fábulas de Esopo. As meninas estavam empolgadas falando sobre o gênero às suas amigas. As amigas disseram que queriam que esse gênero fosse trabalhado na turma delas também.

3.7 - 7º Encontro – Reescrita da refabulação da narrativa “A cigarra e as formigas”

Neste encontro convidei os alunos a fazer a reescrita da fábula recriada a partir da narrativa “*A cigarra e as formigas*”, assim como foi reescrita a primeira produção. Como já tinha feito a refabulação no encontro anterior, pedi que passassem para a folha ofício, melhorando seu texto e anexando o texto original. Todos terminaram, colaram a original na mesma folha de reprodução.



Após esse momento de reescrita, gentilmente, instigamos que lessem em voz alta sua narrativa recriada. Só um aluno se recusou a ler, tendo em vista ser muito tímido, desde o início do ano letivo, que estou com essa turma, ele não lê nada que seja em voz alta. E é um dos alunos mais desenvolvido da sala. Acredito que seja timidez mesmo, ou algo que lhe aconteceu, que o deixou bloqueado para falar em público. Já busquei saber o motivo, mas o mesmo disse que não gosta.

Foi um momento de descontração para a turma, todos em silêncio ouvindo cada colega expor sua criatividade, algumas arrancou risos, pelos personagens engraçados que colocaram em suas narrativas, uma delas foi “*A pulga e o gato*”. Foi muito gratificante ver o empenho da turma, o que aprenderam. Por fim, perguntei à turma, o que eles tinham achado de termos trabalhado esse gênero, com essa proposta de leitura com essas atividades. Todos responderam que foi muito bom, porque saíram da rotina, puderam desenhar, coisa que gostam muito de fazer, puderam saber um pouco sobre os fabulistas mais conhecidos do mundo, como Esopo, que é o iniciante das fábulas e a partir dele, outros como os que trabalhamos, La Fontaine e Monteiro Lobato, o tão conhecido brasileiro.

E, segundo alguns alunos, a leitura das fábulas nos faz viajar na imaginação, como se tivéssemos vendo na realidade os animais na floresta fazendo um trabalho típico do ser humano, ou melhor, somos nós representados pelos animais. As lições de moral nos revelam isso. Essa foi a reflexão da metade da turma! Muito bem refletido por sinal, entenderam a intenção da fábula.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Avaliamos como positivo esse período que passamos trabalhando com as fábulas, apesar de algumas dificuldades encontradas, tais como: a falta de prática de leitura literária por parte dos alunos, a falta de interesse por parte da grande maioria dos alunos, entre outros. Porém, entendemos que infelizmente são consequências que vêm desde a criança ainda pequena, pois são muitos os pais que não leem para seus filhos, ou por não serem letrados, ou por nunca terem tido esse hábito de leitura nem para ele mesmo. Quando a criança começa a estudar, muitas das vezes a escola também não dá o suporte que ela precisa para se tornar leitora, não se tem um planejamento didático para este fim, ao chegar no ensino fundamental II. Assim, torna-se pior essa situação, a leitura feita pelos alunos é apenas com fins pedagógicos, ou seja, com o objetivo de responder as atividades gramaticais propostas, consequências estas que são frequentes na educação da rede pública, não estamos generalizando, mas na maioria das escolas é assim mesmo.

Como formar sujeito leitores se a criança ou jovem não tem um incentivo vindo desde sua residência, sua primeira e segunda fase escolar? Diante disso, percebemos a importância da preparação de uma sequência didática bem elaborada, com momentos lúdicos, motivacional, em que prenda a atenção do aluno, mostrando para ele o quanto pode aprender a partir da leitura literária, mostrar que ler não é perda de tempo, pois teve um aluno que disse: - “Ler é perda de tempo, isso é para quem não tem o que fazer”. Olha só que pensamento!!! Tivemos que mostrar a esse aluno, de forma bem simples, que a concepção dele está equivocada. Mostramos ao aluno que o texto literário nos possibilita fazer comparações, questionar se isso ou aquilo é assim mesmo, investigar, imaginar, viajar por mundos onde a leitura literária é capaz de nos levar, emocionar, se divertir, amadurecer, transforma-se, desenvolver a sensibilidade estética e a expressão linguística adquirindo cultura a partir das mais diferentes visões do mundo etc.

Para provar que ele não estava perdendo tempo com a leitura, propomos a ele ler uma das fábulas trabalhadas “*O Leão e Rato*”, (La Fontaine) , em seguida pedimos que ele nos apresentasse a fábula, então, após ele ler pra turma, sem que eles falassem, deixasse só para o mesmo falar, fizemos perguntas interpretativas sobre a narrativa, e por sinal, ele se saiu muito bem nas respostas, foi daí que aproveitamos a oportunidade, mostrando-lhe a importância da leitura. Ele se sentiu importante, pois respondeu, interagiu com a turma sobre a fábula que tinha lido, com isso participou dos encontros que trabalhamos as narrações de Esopo, Lobato,

La Fontaine e Millô Fernandes de maneira bem ativa. Só lamentamos porque o ônibus que conduz estes alunos até a escola desmantelou-se, fazendo com que ele e quase metade da turma perdessem metade do nosso trabalho com a leitura. A localidade onde moram fica longe da escola, dependem desse transporte que não recebe manutenção, causando um grande impacto no desenvolvimento educacional dessas crianças e adolescentes. Ou seja, quando se tem um passo positivo a dar, o sistema educacional de alguma forma derruba, para que, assim, não se tenha futuros leitores críticos, reivindicadores de seus direitos. Mais uma geração condicionada a aceitar que tudo está certo, que é assim mesmo, que não se pode fazer nada, enfim, sem saber dos seus direitos, deixando de lutar por aquilo que necessitam.

Essa é a realidade da educação brasileira, portanto, parte de nós, enquanto educadores, tentar buscar por melhoras que são possíveis dentro do espaço de aula, tendo em vista, que se não formos nós, quem vai fazer com que as crianças e adolescentes de hoje sejam futuros adultos reivindicadores de seus direitos!, se maioria dos pais também não sabe ler? Cabe a nós, criar métodos, estratégias, inovações para adequar aos estudantes, se nos falta estrutura, material, suporte, tentemos de outra forma, temos agora a internet, ótima ferramenta para quem sabe usá-la adequadamente. Vamos buscar instigar nossos alunos a pesquisar textos literários nesse meio social tão inovador. Se não tem livros na biblioteca física da escola, mas na web tem! Vamos preparar uma sequência baseada com sugestões de Cosson (2006), que começa com uma motivação, por isso, mesmo em meio a tantos obstáculos, se encontrarmos outro caminho, por mais longe que seja, chegaremos onde pretendemos.

Foi gratificante esse tão simples trabalho com o gênero fábula, com essa metodologia de Rildo Cosson (2006), pois, foram momentos de descontração, de aprendizado, os alunos mostraram que têm mais capacidade do que pensamos, mentes muito férteis para aprender, lamentável que são muitos os que não estão preocupados com a educação dos alunos. Não é uma ilusão, é uma realidade!

Essa experiência inovadora para nós e nossos alunos fez com que percebêssemos dentro da sala de aula que é necessário aplicar uma metodologia diferente, as aulas interativas, com temas atuais através de momentos privilegiados para discussões orais, são bastante estimulantes, pois por mais que as fábulas sejam antigas, mas seu contexto nos remete à realidade de ontem e de hoje. Vale ressaltar que não estamos deixando de lado a escrita, ao contrário, o seu momento é de suma importância, até porque a partir dele é que trabalhamos a reescrita, este que na realidade é um processo fundamental para ser trabalhado na sala de aula.

Sabemos ainda que, por muitos motivos, não se pode imprimir um trabalho na sala de aula muitas vezes porque não nos será dado condições necessárias, mas antes disso

entendemos que a prática do professor na sala é um alicerce básico para o processo de ensino aprendizagem, compreendendo isto, tentamos nos decorrer das aulas nos comportar enquanto mediadores e não como detentores do saber.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minha proposta de estudar o gênero fábula, até então pouco conhecido pelos alunos, representou, num contexto geral, exitosa, pois os alunos se envolveram com as nossas aulas e a maioria produziu seu texto de acordo com a estrutura do gênero, salientando que, para uma turma de 7º ano, adolescentes em desenvolvimentos e descobertas, ficaram bem acima do que esperávamos. Acreditamos que o bom desempenho dos educandos deveu-se principalmente ao planejamento realizado com base nas etapas proposta por Cosson.

Usamos a sequência didática tida como básica, proposta por Rildo Cosson (2006), que se encontra no apêndice, objetivando trabalhar com as estratégias de leitura, com o intuito de mostrar a importância da leitura literária a partir das fábulas, fazendo com que o leitor vá aos poucos percebendo que o processo de leitura prevê seleção, antecipação, inferência e verificação de aspectos do texto que se lê.

Consideramos que a leitura e a escrita caminham juntas no processo de ensino-aprendizagem, o gênero literário “Fábula,” que trabalhamos nessa pesquisa resgatou dos alunos momentos de relaxamento e distração, pois são histórias de ficção que fazem esquecer um pouco a vida sofrida que levam no dia a dia e muitas ficções estão relacionadas com suas vidas, requer dos mesmos empenho e dedicação na busca de melhor desempenho nas atividades leitoras propostas, pois os alunos são capazes de desenvolver habilidades e competências de leitura e produção textual.

Os próprios alunos perceberam a importância de se trabalhar com esse gênero literário (Fábula), tanto no processo de leitura, quanto de escrita pois a partir destas leituras, os mesmos falaram no último encontro que gostaram da experiência e iam pegar na Biblioteca outros livros para lerem em casa. Gostaram tanto que criaram as deles, falando sobre “*O cachorro e a cachorra*”, “*O carrapato e a pulga*”, “*O leão e o rato*”, “*O pássaro e o gato*”, “*O cachorro e o gato*”, “*O lobo e a cabra*”, “*O gato e o peixe*”, dentre outras.

Concluímos que o texto literário, sem perder a sua condição de objeto estético, pode se constituir em uma possibilidade de reflexão sobre alteridade na educação básica, de modo que as aulas de leitura literária possam se tornar um espaço de discussão e respeito sociais, políticas e culturais como as vivenciadas a partir da leitura das fábulas e, por fim, levar o aluno a pensar a sua formação sócio-política e cultural em meio à sociedade/comunidade onde vive.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, R. Formação de leitores e razões para a literatura. In: SOUZA, R. J. **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: Difusão Cultural, 2004.

BRAGATTO FILHO, Paulo. **Pela leitura literária na escola de 1º grau**. São Paulo: Ática, 1995.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares Nacionais: Ensino Médio: linguagens códigos e suas tecnologias**. Brasília: MEC, 2001.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

FERNANDES, Mônica Terezinha Ottoboni Sucar. **Trabalhando com gêneros do discurso: narrar: fábula**. São Paulo: FTD, 2001.

Livro Didático - **Singular e Plural: leitura, produção e estudos de linguagem** de Laura de Figueiredo, Marisa Balthasar e Shirley Goulart, 1. ed. – São Paulo: Moderna, 2012.

MAIA, Joseane; **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.

OLIVEIRA, Maria Angélica de. **Caminhos da Fábula: literatura, discurso e poder**. Campina Grande: Bagagem, 2011.

PASSOS, Marta. **Letramento literário na escola: um estudo de práticas de leitura de literatura na formação da “comunidade de leitores”**. Minas Gerais: UFMG, 2007. (Tese de Doutorado em Educação.)

PINHEIRO, Cônego Joaquim Caetano Fernandes. **Curso elementar de literatura nacional**. 2 ed. Rio de Janeiro-RJ: Garnier, 2001.

SILVA, Ivanda Maria Martins. **Literatura em sala de aula: da teoria literária à prática escolar**. Pernambuco: UFPE, 2003. (Tese publicada em Anais do Evento PG Letras 30 Anos Vol. I (1): 514-527)

SOARES, Magda. O que é letramento. In: **Letramento: um tema em três gêneros**. 3 ed. Belo Horizonte – MG: Autêntica, 2009, p. 15-24.

_____. A escolarização da Literatura Infantil e Juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy, BRINA, Heliana; MACHADO, Maria Zélia(orgs.). **A escolarização da Leitura Literária: O Jogo do Livro Infantil e Juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOUZA, Renata Junqueira, FEBA, Berta Lucia Tagliari (org).Prefácio Leitura literária para crianças brasileiras: Das fontes às margens.In.: **Leitura literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento**. Campinas, SP, Mercado de Letras, 2011.

APÊNDICE A – SEQUÊNCIA DIDÁTICA - FÁBULA

E. E. E. FUNDAMENTAL E MÉDIO RUBÉNS DUTRA SEGUNDO

SEQUÊNCIA DIDÁTICA – FÁBULA

Leituras de Fábulas

Objetivo: trabalhar com as estratégias de leitura, com o intuito de mostrar a importância da leitura literária a partir das fábulas, fazendo com que o leitor vá aos poucos percebendo que o processo de leitura prevê seleção, antecipação, inferência e verificação de aspectos do texto que se lê.

1º Momento - Motivação :

- Expor no quadro um cartaz destacando o título da fábula "A cigarra e as formigas" de Esopo;
- Resgatar o conhecimento prévio dos alunos;
- Leitura silenciosa da Fábula escolhida;
- Leitura em voz alta pela professora;
- Cada aluno será incentivado a falar sobre o que acharam da fábula;
- Retomar as hipóteses levantadas pelos alunos.

2º Momento – Introdução

- Levar as fábulas “ **Hierarquia**” de Millôr Fernandes, **O leão e o ratinho (Monteiro Lobato)** e **O Leão e Rato (La Fontaine)**;
- Fazer uma apresentação do autor, da obra e a importância da mesma;
- Justificar o objetivo da escolha dessas fábulas que são tão semelhantes.

3º Momento – Leitura e Interpretação

Início da leitura

- Leitura silenciosa individual;
- Leitura oral feita pelos alunos e a interpretação coletiva das fábulas **Hierarquia**” de **Millôr Fernandes** , **O leão e o ratinho (Monteiro Lobato)**;
- Com a turma dividida em grupos, cada equipe vai interpretar a fábula **O Leão e o Rato (La Fontaine)**, através da produção do final da fábula, pois será entregue esta fábula aos alunos faltando o final da mesma, para que assim, os próprios grupos possam mudar o final da história, sem imaginarem como é o final da fábula de Lá Fontaine, essa produção tem como objetivo a composição coerente e interpretativa dos alunos.

4º Momento –Socialização da fábula recriada

Em cada equipe, um aluno se responsabilizará pela leitura em voz alta da fábula com a recriação deles;

Após a leitura de todas as equipes, será feita a leitura da fábula original.

5º Momento - Produção individual de uma fábula na escrita e a mesma em forma de desenho.

6º Momento - Refabulando a Fábula **A cigarra e a formiga (Esopo)**

Recontar esta fábula mudando os personagens, o espaço onde ocorre e o enredo.

7º Momento – Colminância para todo o colégio com o objetivo de divulgar todo o trabalho desenvolvido ao longo desse período.

ANEXO A – FÁBULAS TRABALHADAS

“O leão e o ratinho” (Monteiro Lobato)

Ao sair do buraco viu-se um ratinho entre as patas de um leão. Estacou, de pelos em pé, paralisado pelo terror. O leão, porém, não lhe fez mal nenhum.

— Segue em paz, ratinho; não tenhas medo do teu rei.

Dias depois o leão caiu numa rede. Urrou desesperadamente, debateu-se, mas quanto mais se agitava mais preso no laço ficava.

Atraído pelos urros, apareceu o ratinho.

— Amor com amor se paga – disse ele lá consigo e pôs-se a roer as cordas. Num instante conseguiu romper uma das malhas. E como a rede era das tais que rompida a primeira malha as outras se afrouxam, pode o leão deslindar-se e fugir.

Moral: Mais vale paciência pequenina do que arrancos de leão.

“Hierarquia” (Millôr Fernandes)

Diz que um leão enorme ia andando chateado, não muito rei dos animais, porque tinha acabado de brigar com a mulher e esta lhe dissera poucas e boas (1).

Eis que, subitamente, o leão defronta com um pequeno rato, o ratinho menor que ele já tinha visto. Pisou-lhe a cauda e, enquanto o rato forçava inutilmente pra escapar, o leão gritava: "Miserável criatura, estúpida, ínfima, vil, torpe: não conheço na criação nada mais insignificante e nojento. Vou te deixar com vida apenas para que você possa sofrer toda a humilhação do que lhe disse, você, desgraçado, inferior, mesquinho, rato!" E soltou-o .

O rato correu o mais que pode, mas, quando já estava a salvo, gritou pro leão: "Será que V. Excelência poderia escrever isso pra mim? Vou me encontrar com uma lesma que eu conheço e quero repetir isso pra ela com as mesmas palavras!" (2)

(1) Quer dizer: muitas e más.

(2) Na grande hora psicanalítica, que soa para todos nós, a precisão de linguagem é fundamental.

MORAL: Afinal ninguém é tão inferior assim.

SUBMORAL: Nem tão superior, por falar nisso.

“O Leão e Rato” (La Fontaine)

Certo dia, estava um Leão a dormir a sesta quando um ratinho começou a correr por cima dele. O Leão acordou, pôs-lhe a pata em cima, abriu a bocarra e preparou-se para o engolir.

- Perdoa-me! - gritou o ratinho - Perdoa-me desta vez e eu nunca o esquecerei. Quem sabe se um dia não precisarás de mim?

O Leão ficou tão divertido com esta ideia que levantou a pata e o deixou partir. Dias depois o Leão caiu numa armadilha. Como os caçadores o queriam oferecer vivo ao Rei, amarraram-no a uma árvore e partiram à procura de um meio para o transportarem.

Nisto, apareceu o ratinho. Vendo a triste situação em que o Leão se encontrava, roeu as cordas que o prendiam.

E foi assim que um ratinho pequenino salvou o Rei dos Animais.

Moral da história: Não devemos subestimar os outros.

“A Cigarra e as formigas” (Fábula de Esopo)

Num belo dia de inverno as formigas estavam tendo o maior trabalho para suas reservas de trigo. Depois de uma chuvarada, os grãos tinham ficado completamente molhados. De repente aparece a cigarra:

_ Por favor, formiguinhas, me dêem um pouco de trigo! Estou com uma fome danada, acho que vou morrer.

As formigas pararam de trabalhar, coisa que era contra os princípios delas, perguntaram:

_ Mas por quê? O que você fez durante o verão? Por acaso não se lembrou de guardar comida para o inverno?

_ Para falar a verdade, não tive tempo – respondeu a cigarra – Passei o verão cantando!

_ Bom... Se você passou o verão cantando, que tal passar o inverno dançando? – disseram as formigas e voltaram para o trabalho dando risada.

Moral da História: Os preguiçosos colhem o que merecem.

“A Cigarra e as formigas” (Fábula de Monteiro Lobato)

Havia uma jovem cigarra que tinha o costume de chiar ao pé de um formigueiro. Só parava quando estava cansadinha; e seu divertimento então era observar as formigas na eterna faina de abastecer as tulhas.

Mas o bom tempo afinal passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados, passam o dia cochilando nas tocas.

A pobre cigarra sem abrigo em seu galhinho seca e metida em grandes apuros debilitou-se socorrer-se de alguém.

Manquitolando, com uma asa arrastar lá se dirigiu para o formigueiro. Bateu-tique, tique...

Aparece uma formiga friorenta, embrulhada num xalinho de paina.

_ Que quer?- perguntou, examinando a triste mendiga suja de lama e a tossir.

_ Venho em busca de agasalho. O bom tempo cessa e eu... A formiga olhou-a de alto a baixo.

_ E o que fez durante o bom tempo, que não construiu sua casa?

A pobre cigarra, toda tremendo, respondeu depois de um acesso de tosse:

_ Eu cantava, bem sabe...

_ Ah!... exclamou a formiga recordando-se. Era você então que cantava nesta árvore enquanto nós labutávamos para encher as tulhas?

_ Isso era eu...

_ Pois entre amiguinha! Nunca poderemos esquecer as boas horas que a sua cantoria proporcionou. Aquele chiado nos distraía e aliviava o trabalho. Dizíamos sempre: que felicidade ter como vizinha tão gentil cantora! Entre amiga, que aqui terá cama e mesa durante todo o mau tempo.

A cigarra entrou, sarou da tosse e voltou a ser a alegre cantora dos dias de Sol.

Moral da História: Os artistas: poetas, pintores, músicos, são as cigarras da humanidade.